

COLEÇÃO CUIDA BEM DE MIM! 10-12 anos

POR CADA PÁSSARO QUE ANOITECE...

JOÃO PEDRO MÉSSEDER
ILUSTRAÇÃO RACHEL CAIANO





Título: Por cada pássaro que anoitece... | Coleção Cuida Bem de Mim!

Autor: João Pedro Méseder
Ilustração e paginação: Rachel Caiano

Impressão e acabamento: Editorial do Ministério da Educação e Ciência
1.ª edição: Setembro de 2022
Tiragem: 2000 exemplares
ISBN: 978-989-54434-8-2
Depósito legal:

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens
(CNPDPJ)
Praça de Londres, n.º 2 – 2.º
1049-056 Lisboa
Tel. (+351) 300 509 717 | 300 509 738
E-mail: apoio.presidencia@cnpdpj.pt

Linha Crianças em Perigo 96 123 11 11

Site www.cnpdpj.gov.pt
Facebook www.facebook.com/CNPDPJ
Instagram www.instagram.com/cnpdpj
Youtube www.youtube.com/c/CNPDPJ

POR CADA
PÁSSARO
QUE
ANOITECE...
JOÃO PEDRO MÉSEDER
ILUSTRAÇÃO RACHEL CAIANO



Por cada pássaro que anoitece..., de João Pedro Mésseder, é o quarto e último volume da coleção “Cuida Bem de Mim!”, projeto editorial que a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens tem vindo a desenvolver.

Gosto muito do país todo, mas calhou viver no Porto. Professor do ensino superior, escrevo para adultos (prémios pelos livros *Fissura*, *Uma Pequena Luz Vermelha*, *Estação dos Líquidos*). E também para os mais novos (entre outros, os Prémios Bissaya Barreto, por *Pequeno Livro das Coisas*, e Autores, da SPA, por *De Um as Coisas Nascem Outras*, juntamente com Rachel Caiano). Nas crianças e jovens, nos seus problemas e direitos, penso e muito. Por isso, aceitei com gosto o convite da CNPDPCJ para escrever um livro sobre o tema. Melro e Galhardo – personagens desta história – são mais do que eles próprios; representam os muitos jovens a necessitarem, na nossa sociedade, de afeto e duma atenção especial.

João Pedro Mésseder

Ler e desenhar são duas das coisas de que mais gosto de fazer e que junto na minha atividade de ilustradora. Através dos livros, das histórias e dos desenhos, podemos aprender muitas coisas, encontrar personagens parecidas connosco, ou muito diferentes, descobrir mundos. Tenho tido o privilégio de ilustrar livros de diversos autores e de ir a escolas trabalhar com crianças de todas as idades. Espero que este livro ajude algumas crianças a abrir portas e a encontrar saídas.

Rachel Caiano

“Eram nove e meia, quando num corredor reparou na minha cara: inchaço, nódoa negra, olhos vermelhos de chorar e dormir pouco. E não gostou. (Por cada pássaro que anoitece...) Levou-me para um canto mais sossegado da biblioteca e conversou comigo um pouco. A setôra sabe conversar com uma pessoa. Depois, pediu-me que ficasse ali tranquilo, durante a aula, a escrever esta história, enquanto ia fazer uns telefonemas. À minha mãe também, para a sossegar.”

Seguindo o friso cronológico dos 3 aos 12 anos, esta coleção tem o claro objetivo de nos trazer temas complexos através de pequenas histórias ficcionais, que abordam realidades difíceis, assinalando várias formas de maus-tratos de que muitas crianças são vítimas. Tão importante como evidenciar essas práticas que podem ocorrer em todas as famílias, é apontar saídas, mostrar soluções e alternativas, que lhes transmitam confiança e a esperança de que tudo pode mudar para melhor.

O conto de João Pedro Mésseder é mais um desses casos. Marcado pela sua reconhecida qualidade literária e grande humanidade, é uma história dura, como duras são as vidas de muitas crianças, mas que encontra forma de suavizar e alegrar uma existência à partida infeliz.

Ao autor, agradeço por ter aceite o convite, que se traduziu neste extraordinário texto, que tanto nos toca.

Agradeço também a Rachel Caiano, ilustradora que, com a criatividade que lhe conhecemos, tanto enriqueceu a história de todas as personagens deste livro.

A Presidente
Comissão Nacional de Promoção dos Direitos
e Proteção das Crianças e Jovens

Rosário Farmhouse

– Leva estes morangos à avó, estavam hoje em promoção – disse a mãe. – Ela precisa e vai gostar. Mas não te atrases no caminho, ouviste?

Não fiz má cara. Nunca faço, quando se trata de ir à avó Berta, apesar da distância. Ela tem sempre um abraço e um beijo à minha espera e, quando pode, qualquer coisa especial para mim, apesar da magra reforma que recebe. Em geral, um petisco: dois pastéis de bacalhau, uma nata, dois ou três rebuçados que só compra a pensar nos netos. Além disso, gosto do cheiro a lavado e passado-a-ferro da bata da avó Berta, e gosto da maneira como diz «os meus meninos», a olhar para mim e para a Silvinha, ainda que às vezes com um fio de tristeza a vir-lhe dos cantos dos olhos.

– Leva também estas camisas lavadas ao teu pai – e a mãe passou-me um saco de plástico. – E vê se lhe pedes algum dinheiro para os medicamentos da tua irmã e para as despesas do mês.

– Mas ele não pode lavar as suas próprias camisas? – protestei. E a mãe insistindo:

– Faz o que te digo, 'Mélio. Enquanto vais, passeias.

Esse outro «passeio» detestava-o. Por muitas razões. E trazia-me sempre más lembranças. De humilhação e de raiva. Algumas nem as contava à mãe, que já tinha muito com que se coçar, só para me sustentar a mim e à Silvinha, a minha irmã mais nova, ainda por cima frágil e sempre adoentada. E também para ajudar a avó Berta, quando podia.

(Por cada pássaro que anoitece...)





Maio, e os dias a aproveitarem o Sol até mais tarde. Como a última aula tinha acabado às quatro e meia, ainda me daria para fazer o caminho até à avó, passar depois no pai e regressar a tempo de jantar. (O TPC desse dia acho que decidi nessa tarde «esquecer-me» dele...).

Até à avó foi pouco mais que meia hora, atravessando o bairro todo a caminhar depressinha e a assobiar umas cantigas de que eu gosto. Precisava dumas sapatilhas novas, aquelas já tinham andado o que tinham para andar e chutado o que tinham de chutar. O Litos e o Sandro ainda me desafiaram para a bola («Melro, anda daí!»), mas não dava. Segui depois pela estrada, a respirar o gasóleo dos camiões, até à meia casita velha da avó. Digo meia casita, porque ela a partilha com uma empregada doméstica que também vive sem família, a dona Mena, que sai às sete da manhã, regressando por essas oito ou nove da noite, quase todos os dias. Dão-se mais ou menos bem, é o que vale. E amparam-se uma à outra quando podem.

Saí do apartamento de cave onde vivemos apertados – a mãe dorme com a Silvinha, no quarto, e eu no sofá da sala, onde pouco mais cabe do que a televisão e a mesa com quatro cadeiras, que o pai e a mãe compraram quando casaram. Nos bons tempos deles – que não duraram muito.

Bati à porta e chamei:

– Avó! Sou eu, o Amélio!

– Melinho! – ouço lá dentro a voz da avó Berta, que nunca se habituou ao meu nome. Para ela hei de ser sempre o Melinho.

– A mãe mandou-me trazer estes morangos. Diz que são bons. Não precisas de nada, avó? Ainda tenho de ir ao pai...

– A Silvinha está bem? Já atina com as contas? E a tua mãe? Diz que agradeço muito e que, no sábado, se puder, vou lá a casa para a ajudar um bocadinho. Vai, não deixes o teu pai à espera nem o enerves com algum rompante ou má palavra. Sabes como ele é, nunca se sabe como está. Leva um pãozinho para o caminho. Espera aí.

Despedi-me da avó e lá fui a mastigar o pão com manteiga e a balançar o saco com as camisas na outra mão. O lanche ajudava a aguentar o caminho. Esta parte fazia-a contrariado, até chegar à casa do pai, que fica noutra zona já da cidade – se é que a estes arrabaldes se pode chamar ainda cidade. E lá fui, a matutar nas palavras da avó Berta.

(Por cada pássaro que anoitece...)





– Melro! – ouvi de repente a voz do Galhardo, a chamar-me, também ele, pela alcunha. Misturam o meu nome com o nome do pássaro, por eu ser muito moreno, ter o cabelo quase preto e os dentes da frente grandes e muito brancos. E por gostar de assobiar, é claro. Aí vinha o Galhardo na minha direção, a perguntar:

– Aonde é a ida?

E acrescentou depois da resposta:

– Vou contigo. Passamos no Zeca para comprar tabaco.

O Zeca das bombas era dos poucos que vendiam cigarros avulso à miudagem. Mais velho do que eu, o Galhardo era um deles. Aqui e acolá sacava uns cêntimos ou um euro, pedia «emprestada» uma ou outra coisa e ali estava, sempre com algum no bolso.

Eu simpatizo com o Galhardo, que tem a mãe presa, o pai no estrangeiro e vive com um tio que lhe chega bem a roupa ao pelo. Tive um telemóvel que ele me ofereceu, mas ou me saltou do bolso a jogar à bola e perdi-o, ou alguém mo levou. Mas tenho passado por alguns assados com o Galhardo, por causa da mania de às vezes deitar a mão ao que não lhe pertence. Bem digo ao Galhardo que não vá por tais caminhos, mas nem sempre me dá ouvidos.



Na conversa fomos chegando ao Zeca das bombas, que vive ali sozinho, já que a mulher e a filha o deixaram. Àquela hora e naquele desvio do lá-vem-um, já só um carro ou outro parava para meter combustível. Disse ao meu amigo que esperava cá fora, pois não vou com a cara do Zeca, sempre suado, com a barba por fazer e uns olhos estranhos. Mas ele insistiu em pagar uma cola para bebermos a meias, e tive de entrar. O Galhardo comprou sete cigarros e a lata de refrigerante e, entretanto, já o Zeca estava do lado de fora do balcão a dizer piadas sujas com o seu vozeirão e a dar-nos encontrões e toques com as mãos, às vezes nos testículos e no rabo, como é seu costume.

– Venham ali para trás, para a sala, pago-vos umas minis, bebem um bagacito e fumamos umas cigarradas na boa. Tenho lá música.

Ao segundo toque do Zeca, deixei cair o saco ao chão e tentei afastar-me, gritando-lhe: «Teja quieto, homem!». Quase automaticamente, pespegou-me um bofetão na cara, com os olhos meio injetados, a vociferar:

– Tem calma, meu! Qual é a tua?





Mas eu saí de rompante para a rua, já com as lágrimas nos olhos e o lábio de baixo rebentado. Vi lá dentro o Galhardo a censurar o Zeca, mas depois pareceu-me que queria ficar. Acabou por sair também, para me devolver o saco com as camisas que o Zeca pisara e, de raiva, sujara com as solas.

Fúrioso, pus-me a sacudir das camisas o que podia e mandei o Galhardo à vida dele, que eu seguia caminho. Ele tentou consolar-me, mas eu gritei que me deixasse em paz. Quando regresssei à estrada e olhei para trás, vi que tornara a entrar no covil do Zeca.

Azar de tarde, esta! Como iria explicar ao meu pai e à mãe o desastre das camisas? Achei melhor não recuar e inventar alguma explicação para lhes dar. Mas, quando finalmente cheguei à casita velha, arrendada, onde ele mora, as coisas pioraram.

(Por cada pássaro que anoitece...)



O meu pai já estava «tocado», como a mãe costuma dizer, e cheirava a álcool. Nada que eu não esperasse. Quando lhe expliquei atabalhoadamente o que acontecera às camisas e, ainda por cima, lhe dei o recado da mãe sobre o dinheiro, enfureceu-se e pôs-se a praguejar. Protestei em voz alta, porque não suporto vê-lo assim e porque me lembro sempre da mãe e do que sofreu às suas mãos, quando ele lhe batia. Mas as minhas palavras só serviram para aumentar a ira e avançou para mim. Tentei esquivar-me, mas agarrou-me pela camisola, rasgou-me e fez saltar botões da camisa. Sem conseguir furtar-me a uma palmada no pescoço e num ouvido, escapei-me para a rua a gritar «Não ligas népias aos teus filhos! Ainda por cima lhes bates!». E não insisti. Nem a missão das camisas cumprida, nem o dinheiro para as despesas da casa no bolso. O meu pai estava descontrolado e o álcool escangalhava-o. Em dias como este, era impossível comunicar com ele.

Corri para a estrada, em lágrimas. Sentia raiva contra o meu pai – em momentos assim, era como se odiasse quase toda a gente. E pus-me a pensar na mãe, na Silvinha e na avó Berta, que não têm culpa de nada. Lembrei-me de quando as coisas começaram a correr para o torto, tinha eu sete anos e ainda estávamos juntos. Despediram o pai e outros operários da fábrica, a mãe também ficou sem trabalho e o pai começou a beber de mais e a vir descontrolado para casa. Bati-nos. Não era o mesmo pai que aos cinco anos me levava com ele à pesca ou a apanhar caracóis, e que num Natal me oferecera umas luvas de guarda-redes (eu sou bom à baliza). A minha mãe não aguentou a má vida, separaram-se.

Arranjaram-lhe mais tarde um novo trabalho, ao menos isso. E o meu pai acabou por ir parar às obras. Pouca sorte na vida! – é o que acho. Uns têm sorte, eu não.





Quando cheguei a casa, abri a porta e menti, a gritar para a cozinha:

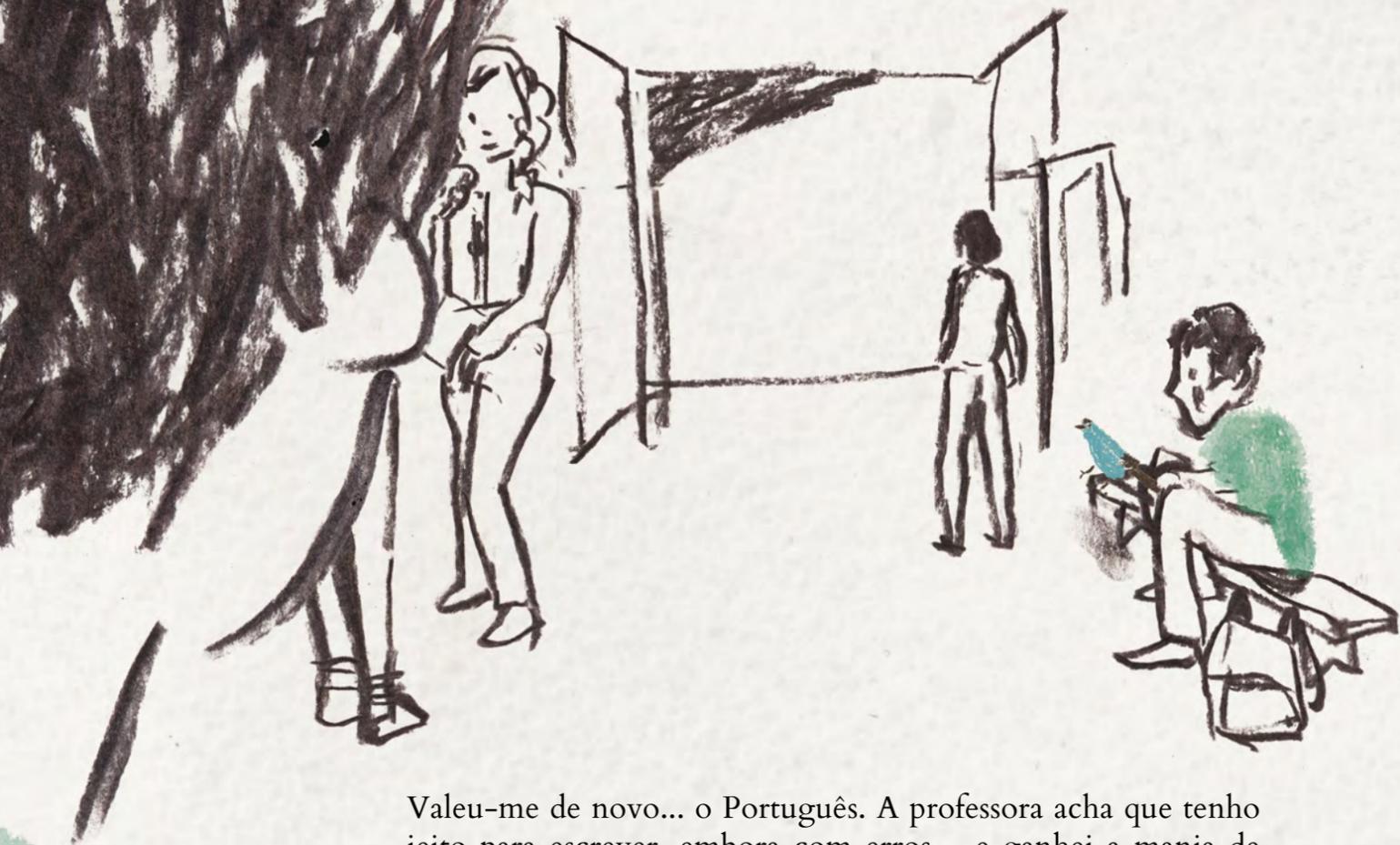
– Mãe, vou jantar a casa do Sandro. O irmão mais velho chegou de Angola, faz anos e convidaram-me.
– Correu tudo bem? – perguntou a mãe, mas nem respondi. Bati a porta e corri para a rua.

(Por cada pássaro que anoitece...)

Andei pelo bairro aos pontapés às pedras e às latas. Sentei-me numa escada no meio do escuro a pensar na vida, no meu pai, no Zeca... Quando voltei a casa, as luzes já estavam apagadas. No dia seguinte, o trabalho começava cedo para nós os três.



De manhãzinha, antes de a mãe se pôr a lidar, peguei num pão da véspera e numa maçã e fui indo para escola. Deixei escrito, num bilhete, que tinha de ir muito cedo para conferir umas coisas com o Litos para o teste de Ciências, e que ao fim do dia contaria tudo.



Valeu-me de novo... o Português. A professora acha que tenho jeito para escrever, embora com erros – e ganhei a mania de folhear e ler o dicionário, desde que a professora da primária me ofereceu um, usado. A *setôra*, que também é diretora da turma, dá-me quase sempre boa nota a Português, o que compensa as negas a outras disciplinas. Até já me ofereceu dois livros.

Eram nove e meia, quando, num corredor, reparou na minha cara: inchaço, nódoa negra, olhos vermelhos de chorar e dormir pouco. E não gostou. (*Por cada pássaro que anoitece...*) Levou-me para um canto mais sossegado da biblioteca e conversou comigo um pouco. A *setôra* sabe conversar com uma pessoa. Depois, pediu-me que ficasse ali tranquilo durante a aula, a escrever esta história, enquanto ia fazer uns telefonemas. À minha mãe também, para a sossegar.

(*Por cada pássaro que anoitece...*)





E agora, um acrescento. A *setôra* voltou no fim da aula e marcámos novo encontro ao meio-dia e meia, no gabinete dos diretores de turma, onde estava também a psicóloga. Disse-me:

– Melro... não te importas que te chame assim, pois não, Amélio? É que gosto tanto da tua alcunha.

Sorri.

– Não me importo, *setôra*. Os amigos chamam-me todos Melro.

– Ora bem. Então consideras-me tua amiga. Que bom. Escuta – e olhou-me fundo nos olhos –, não podes continuar assim, filho. Já me tinha constado que alguém na tua família te batia, mas também não sabia desta história do Zeca das bombas. Temos de te ajudar. A ti e à tua família. Já agora, também ao teu amigo Galhardo. E vamos fazer isso, garanto-te. Já marquei uma conversa com a tua mãe, que me parece tão boa pessoa como tu. Tens a quem sair.

Eu sorri outra vez.





– Sabes, Melro, temos a sorte de viver num país onde há sempre alguém – às vezes professores, vizinhos, outras vezes amigos ou familiares e também organizações – que protege as crianças e os jovens e defende os seus direitos. Vamos todos colaborar para que tu e a tua família vivam melhor, está bem? E olha, embora triste, gostei imenso da tua história. Já corriji os erros, que não eram assim tantos, sugeri umas palavrinhas para substituir outras que lá estavam. E tenho uma frase que encontrei no livro dum certo poeta, para, se gostares e estiveres de acordo, colocares no final, em jeito de conclusão. É assim – e a *setôra* leu a frase. – Que te parece?

Disse à *setôra* que gostava da frase e prometi que passaria tudo a limpo, corrigindo os erros e acrescentando um final. Só que, sem a consultar (mas acho que vai gostar), decidi semear a frase, ou melhor, parte dela, em diversas passagens do texto. E só agora, no final, é que a vou escrever toda:

Por cada pássaro que anoitece, um outro desperta.



Por cada pássaro que anoitece..., de João Pedro Méseder, é o quarto e último volume da coleção “Cuida Bem de Mim!”, projeto editorial que a Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens tem vindo a desenvolver.

Seguindo o friso cronológico dos 3 aos 12 anos, esta coleção tem o claro objetivo de nos trazer temas complexos através de pequenas histórias ficcionais, que abordam realidades difíceis, assinalando várias formas de maus-tratos de que muitas crianças são vítimas. Tão importante como evidenciar essas práticas que podem ocorrer em todas as famílias, é apontar saídas, mostrar soluções e alternativas, que lhes transmitam confiança e a esperança de que tudo pode mudar para melhor.



Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Social Europeu